

O Monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo).

Por Abel VIANA

Nos começos de 1952, ao lavrar-se um terreno da Folha da Amendoeira, na herdade do Monte do Outeiro, freguesia de Odivelas, concelho de Ferreira do Alentejo e distrito de Beja, a charrua esbarrou com algumas pedras, trazendo-as à superfície, e com elas ossadas humanas e outros objectos. Determinou o Sr. Joaquim Maria Camacho, representante da família Camacho, proprietária da herdade, e dirigente da exploração agrícola, proceder a cuidadosa busca no mesmo ponto daquele achado.

Apesar da escassez da área, pois tratava-se apenas de uns escassos dois metros quadrados, saíram dali muitos esqueletos e dezenas de ídolos-placas, assim como fragmentos de machados de pedra pulida.

Animado pela abundância de objectos exumados, resolveu o Sr. Joaquim Camacho mandar cavar a uns quatro metros mais ao lado, onde mal afloravam à superfície do solo pequenas pedras dispostas mais ou menos em circuito ovalado. A escavação, embora realizada sem critério científico, foi relativamente cuidada, e minuciosa a rebusca das terras que se retiraram, ou melhor, se revolveram.

Do monumento nada ficou restando, visto as pedras terem sido também extraídas de seu lugar. É lamentável. No entanto, em face da descrição que nós fez o Sr. Joaquim Camacho, e observando nós o local, onde nada se alterou após a escavação, pode-se reconstituir

a forma do monumento, no estado em que então se encontrava, cuja arquitectura adiante descreveremos.

Nos começos de Junho, ou seja, meses depois destas descobertas,

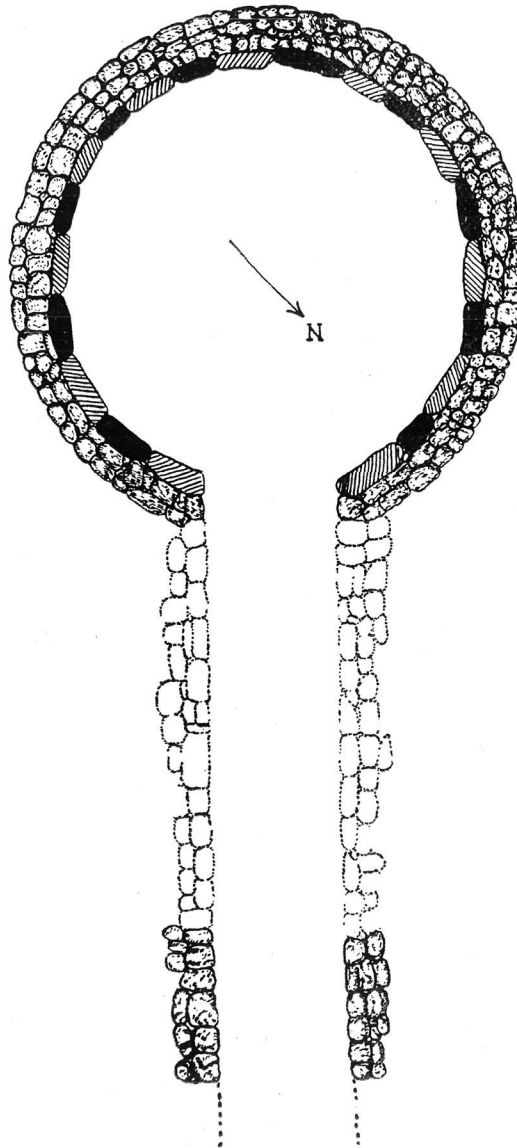


Fig. 1.—O monumento megalítico Reconstituição.

procurou-nos em Beja o Sr. Joaquín Camacho, a mostrar-nos alguns dos objectos achados, para que o elucidássemos sobre o seu valor arqueológico. Solicitamos-lhe, imediatamente, nos recebesse em Odivelas, já para que *in loco* nos reeditasse as suas informações, já porque a maior parte do material exumado lá se encontrava.

De pronto atendido, dirigimo-nos a Odivelas alguns dias após,

fazendo-nos acompanhar por um dos empregados do Museu Regional de Beja.

Examinamos o sitio do monumento, ouvindo as amplas explicações do Sr. Joaquim Maria Camacho. Como a quantidade do espólio era demasiada para se inventariar no curto prazo de algumas horas, foi-nos permitido trazer tudo para Beja, onde, mais de espaço, o estudamos.

Assim, contamos: 6 instrumentos de pedra pulida e 2 fragmen-

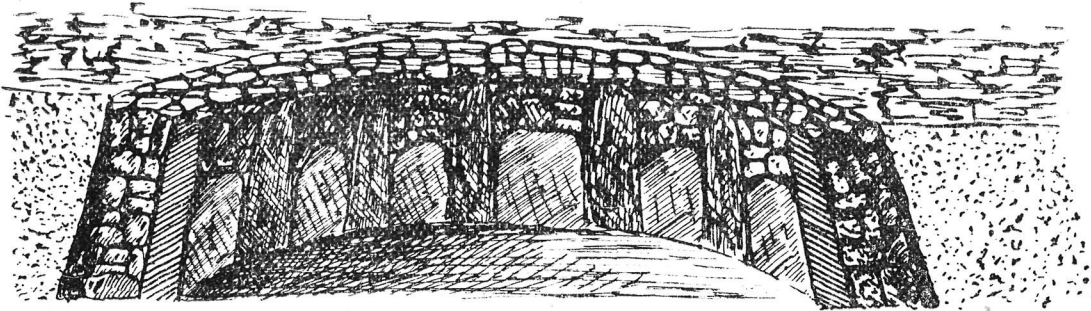


Fig. 2. — Detalle da câmara.

tos; 8 facas de sílex, inteiras, ou completas, embora fragmentadas, e 24 fragmentos de facas diversas; 15 ídolos-placas, de xisto, gravadas, inteiras, e 6 fragmentos de outras; 5 dentes perfurados, dos quais dois completos; duas cabeças de alfinetes de osso; duas hastes de osso, provavelmente também de alfinetes, ou de perfuradores; dois pequeninos búzios, com perfuração dupla; uma pequena pedra circular, talhada à maneira de disco espesso; um dente de javali; 7 vasilhas de barro e fragmentos de mais duas.

As terras, embora não passadas ao crivo, foram rebuscadas com meticulosidade, sendo o número de objectos partidos ou danificados relativamente pequeno, se atendermos à imperícia dos escavadores e à ferramenta pelos mesmos empregada.

Além das peças acima referidas, acharam-se mais 24 ídolos-placas e duas cabeças de alfinetes de osso, os quais, segundo nos informou o Sr. Joaquim Camacho, o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (Belém) adquiriu pela importância de 2.000 escudos. Não vimos as peças vendidas pelos proprietários da herdade, ao citado estabelecimento; descrevemos, somente, a parte do espólio que ficou em Odivelas, e por vermos que o citado instituto se desinteressou da realização de investigações locais. Temos, pois:

Indústria lítica.

Grande machado de xisto rijo, feito de uma lasca bastante irregular. Comp., 0,222 m.; larg. máx, 0,064 m.; espes. máx., 0,025 m.; espes. média, 0,021 m. (Fig. 3; lám. VI, 37).



Fig. 3. — Machado de pedra.

Machado de diorite, com os flancos mal pulidos. Com., 0,141 m.; larg., 0,056 m.; espes., 0,047 m. (Fig. 4; lám. VI,41-42, à esquerda).

Pequeno machado de xisto anfibólico (?), todo ele mal pulido, salvo na zona do gume. Comp., 0,088 m.; larg., 0,049 m.; espes., 0,018 m. (Fig. 5; lám. VI,41-42, à direita).

Pequeno machado de xisto anfibólico (?). Parece ter sido feito do fragmento de outro machado, sendo o novo gume aguçado no sentido da espessura do instrumento primitivo. Comp., 0,100 m.; larg., 0,042 m.; espes., 0,021 m. (Fig. 6; lám. VI,41-42, ao centro).

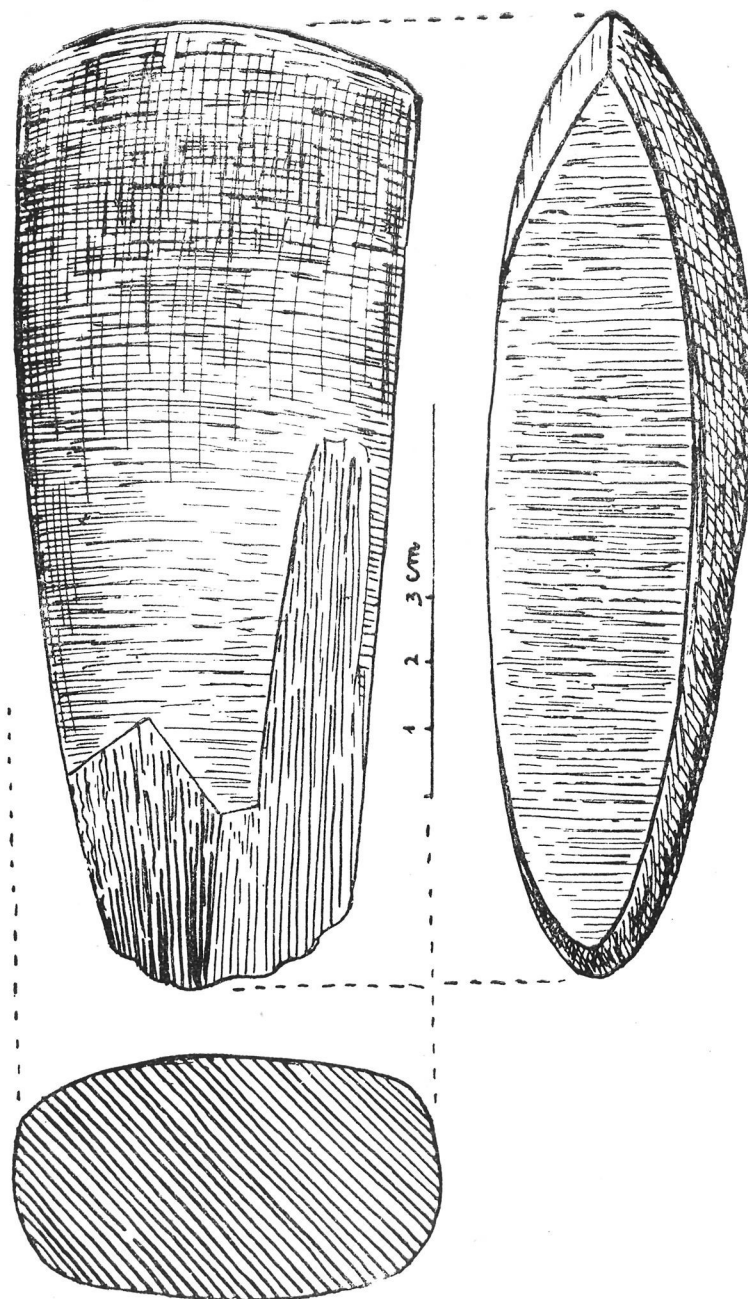


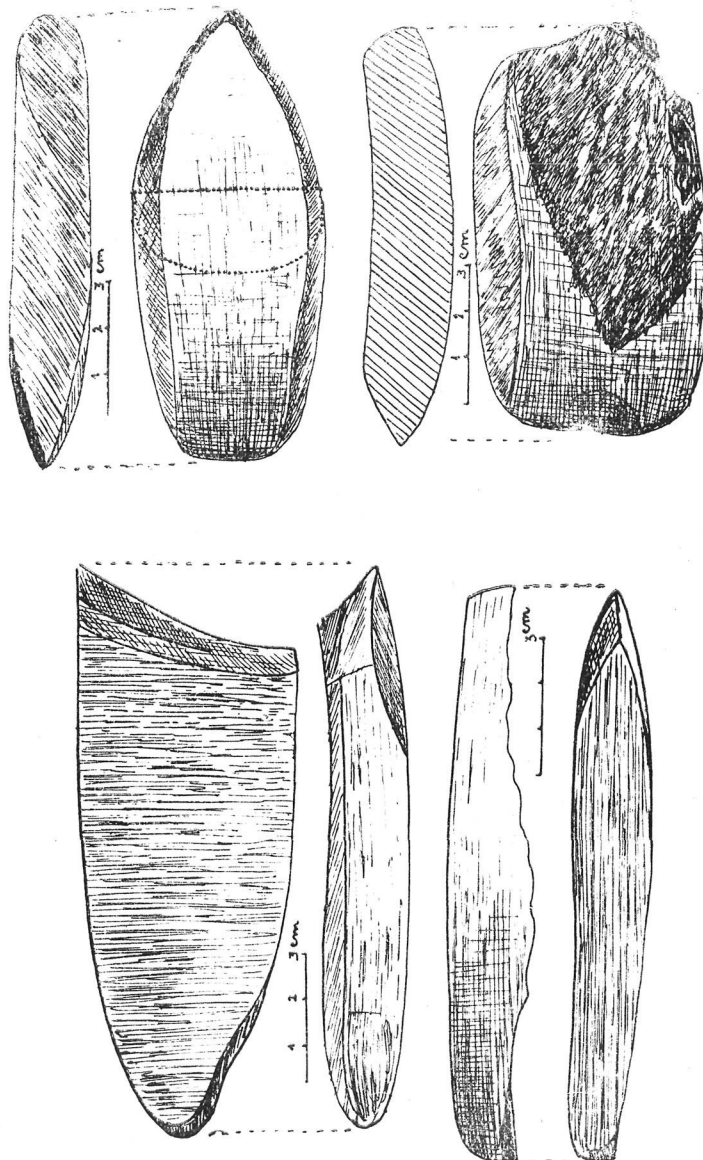
Fig. 4. — Machado de pedra.

Fragmento de um machado feito de uma lasca muito delgada. A fractura é antiga, possivelmente da época da tumulação. Larg. máx., 0,050 m.; espes., 0,020 m. (Fig. 7).

Fragmento de pequeno machado partido longitudinalmente pelos achadores. Comp., 0,126 m.; espes., 0,018 m. (Fig. 8).

Esboço de machado muito comprido, fabricado em rocha quartzítica, amarelada. Comp., 0,236 m.; larg., 0,049 m.; espes., 0,032 m. (Fig. 9; lám. VI,36).

Escopro de diorite. Comp., 0,169 m.; larg., 0,031 m.; espes., 0,030 m. (Fig. 10; lám. VI,33-34).



Figs. 5, 6, 7 e 8. -- Machados de pedra.

Pequeno seixo de quartzite, com os bordos afeiçãoados por meio de percussões. Lembra uma pequena tampa de vasilha. (Fig. 42-d).

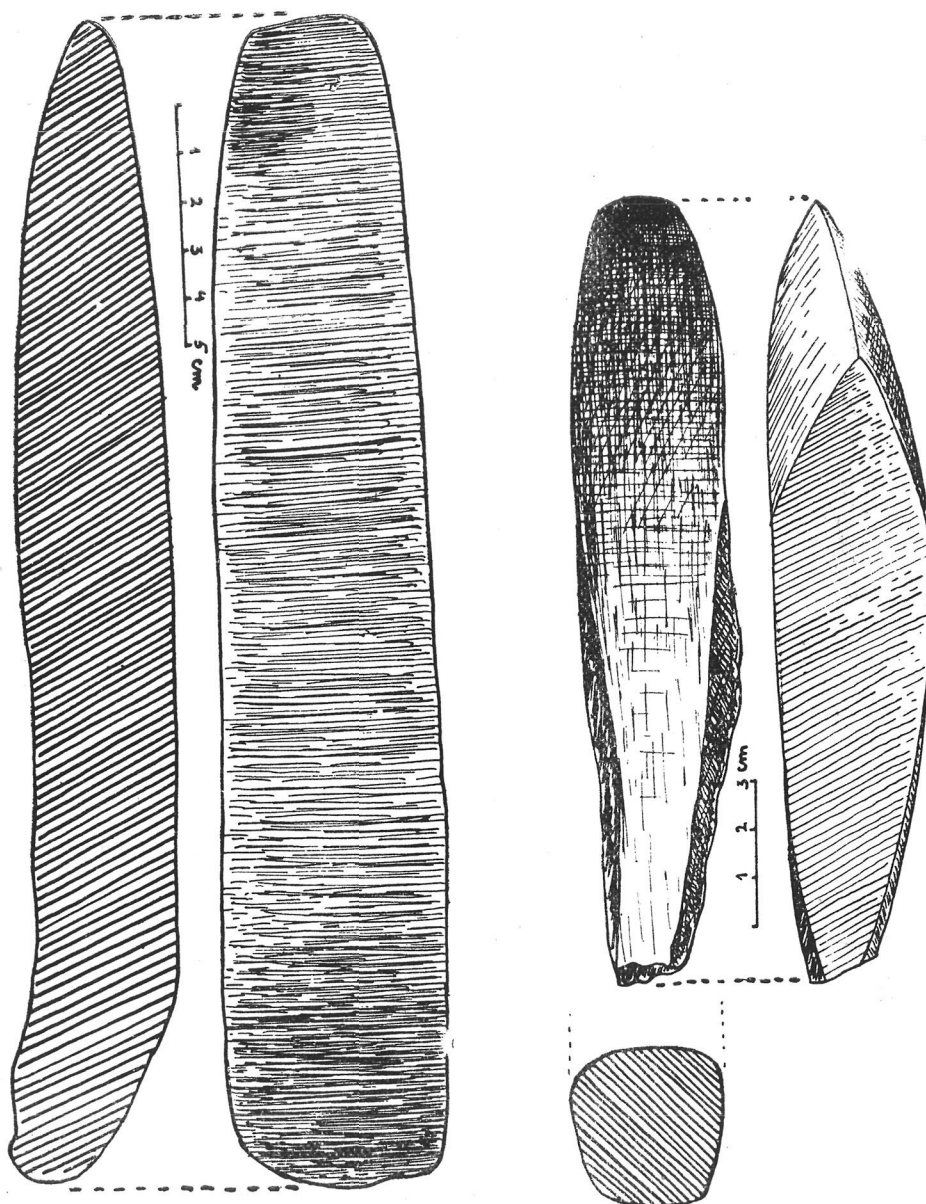
Faca de sílex cinzento escuro. Falta-lhe pequena porção da base (15 a 20 milímetros). Comp. actual, 0,191 m.; larg., 0,018 m.; espes., 0,004 m. (Fig. 11-a).

NOTA: Esta e as demais facas de sílex acham-se também reproduzidas na lám. IV, de frente e de perfil, 16-17; 18-19; só de frente, 20.

Faca de sílex castanho escuro, completa. Comp., 0,191 m.; larg., 0,018 m.; espes., 0,006 m. (Fig. 11-b),

Faca de sílex castanho escuro, completa. Comp., 0,162 m.; larg., 0,022 m.; espes., 0,009 m. (Fig. 11-c).

Faca de sílex cinzento claro. Conserva a *cortex* em toda a extensão do bordo direito. Partida pelos achadores, mas quase completa. Comp., 0,143 m.; larg., 0,021 m.; espes., 0,005 m. (Fig. 12-a).



Figs. 9 e 10. — Machados de pedra.

Faca de sílex cinzento escuro, completa. Comp., 0,148 m.; larg., 0,012 m.; espes., 0,004 m. (Fig. 12-b).

Faca de sílex cinzento claro, completa. Comp., 0,133 m.; larg., 0,026 m.; espes., 0,0075 m. (Fig. 12-c).

Faca de sílex castanho claro. Falta-lhe a parte superior, por fractura recente. Comp., 0,111 m.; larg., 0,026 m.; espes., 0,004 m. (Fig. 13-a).

Faca de sílex cinzento escuro. Falta-lhe a parte superior, por fractura recente. Comp., 0,068 m.; larg., 0,021 m.; espes., 0,006 m. (Fig. 13-b).

Faca de sílex castanho escuro, delgada e estreita. Bordos retocados. Falta-lhe a extremidade superior. Comp. 0,106 m.; larg., 0,011 m.; espes., 0,004 m. (Fig. 14-a).

Faca de sílex cinzento escuro, retocada nos bordos. Completa. Comp., 0,124 m.; larg., 0,017 m.; espes., 0,0004 m. (Fig. 14-b).

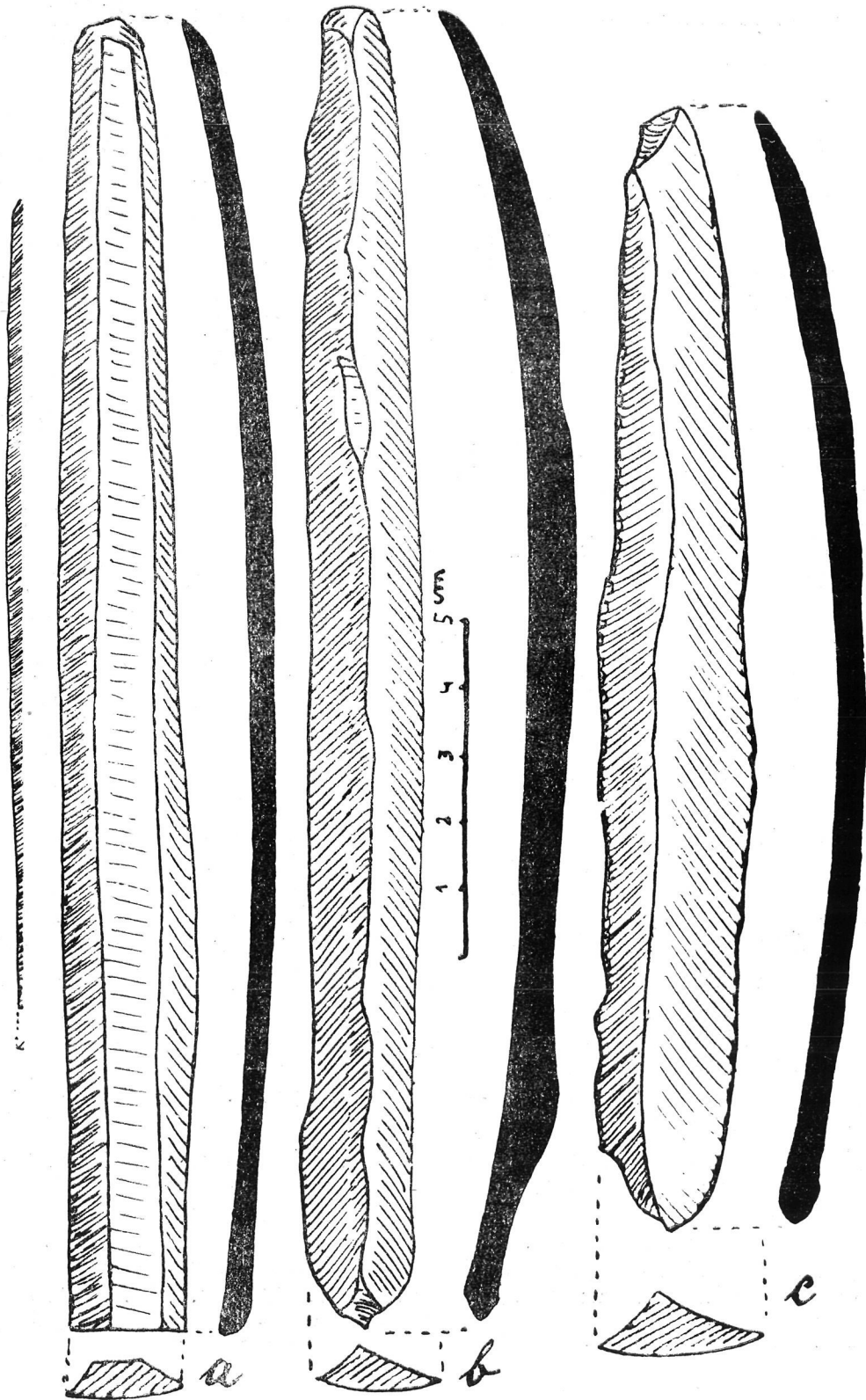
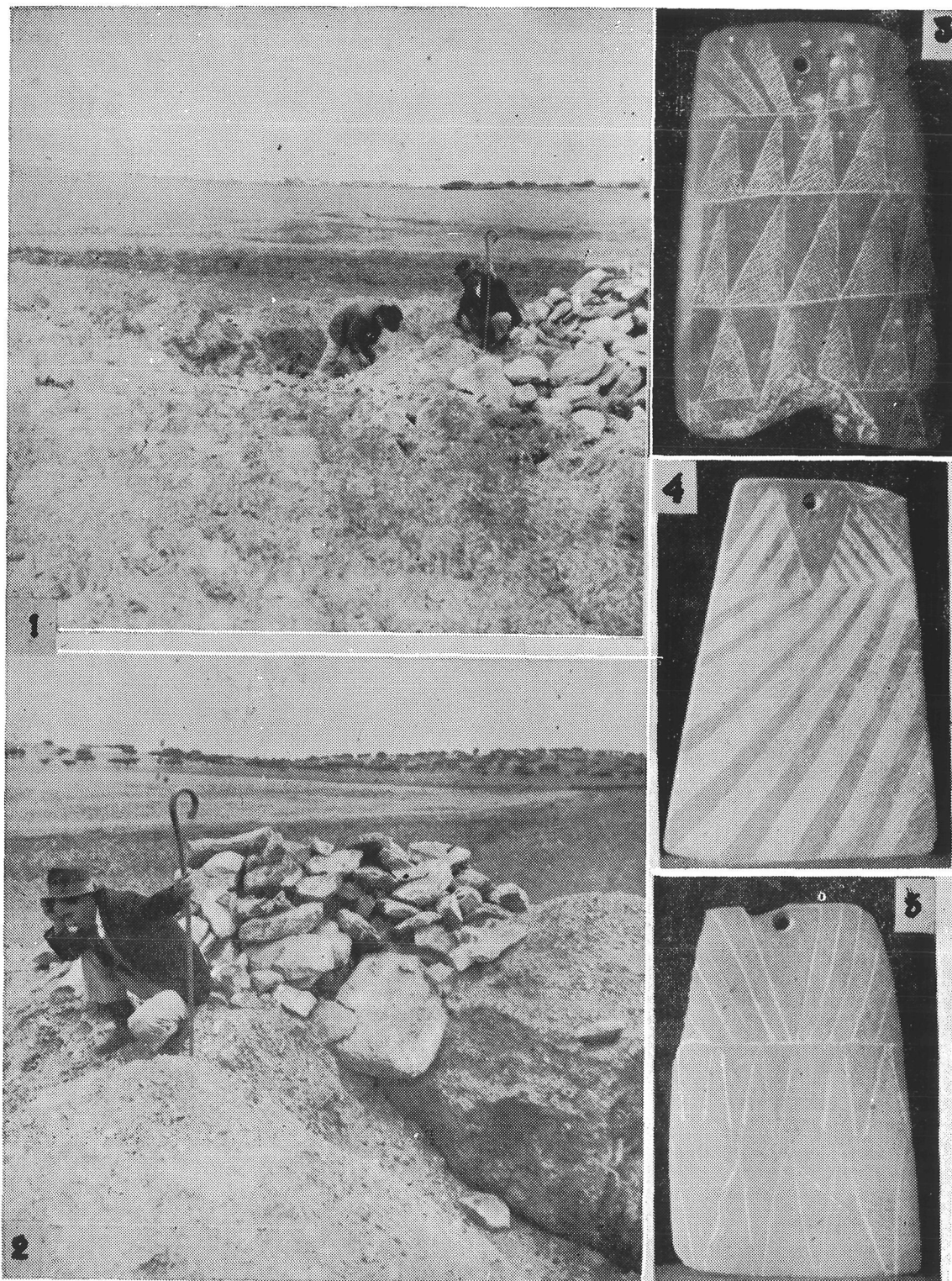


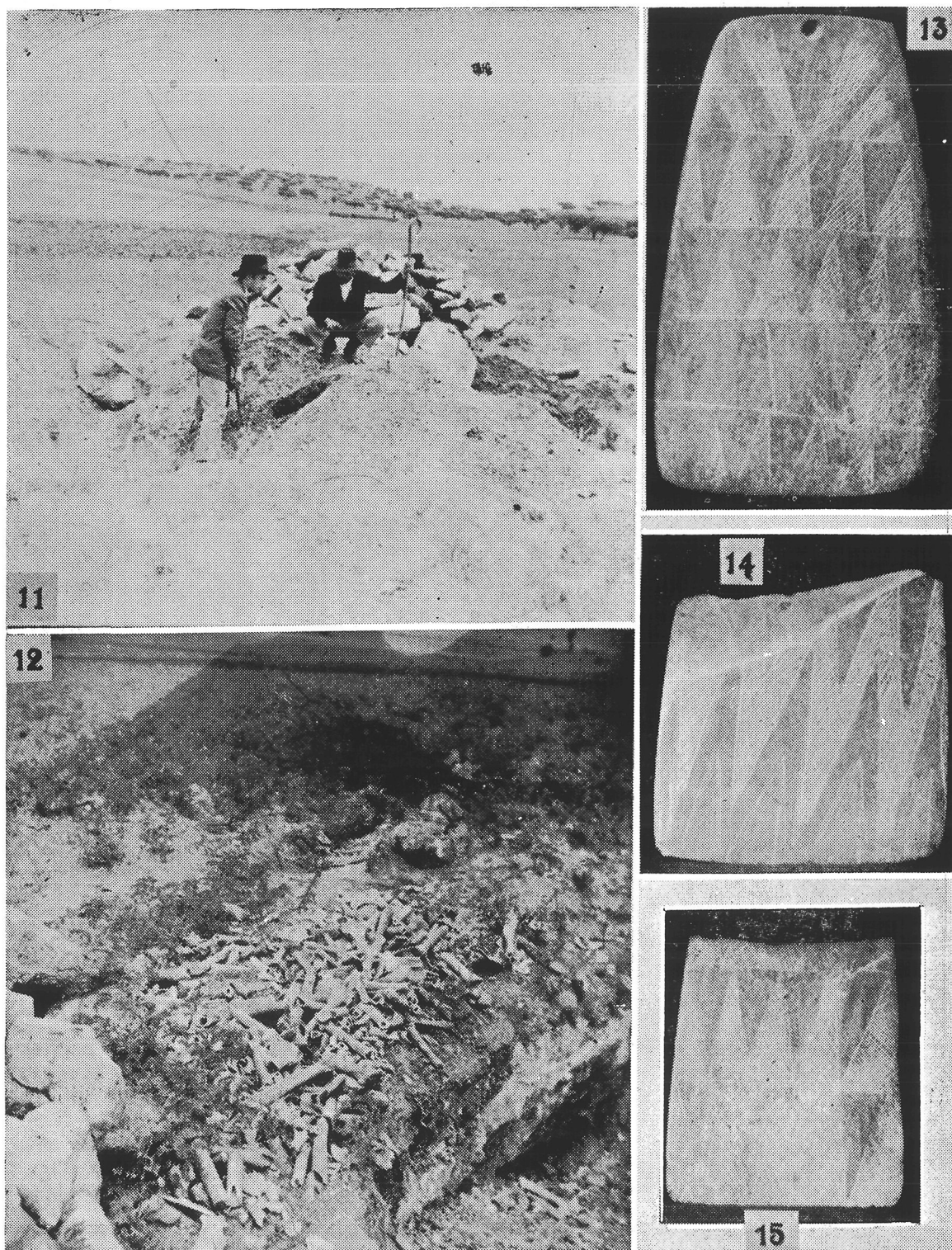
Fig. 11. — Facas de sílex.



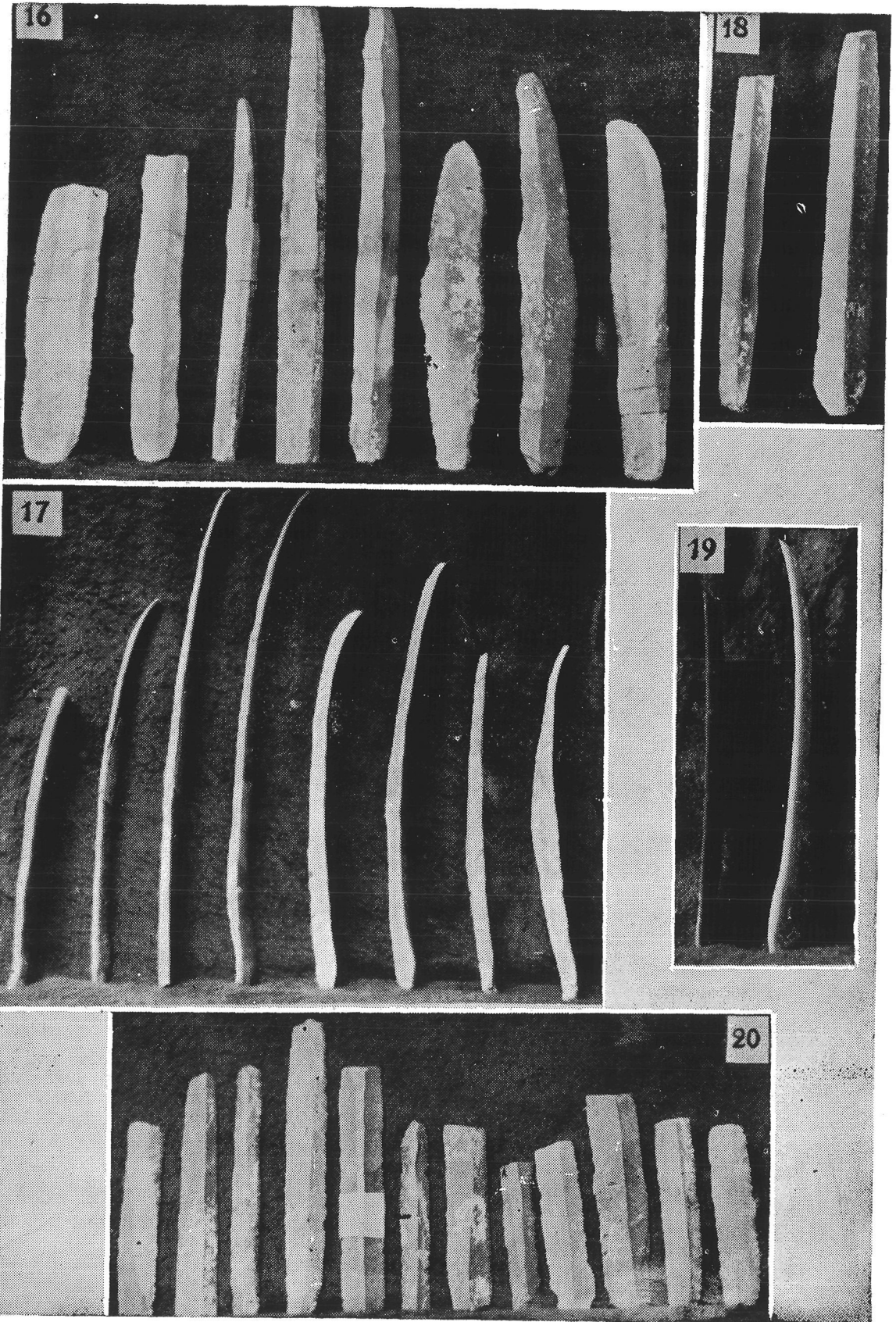
1: A depressão onde se vêem os dois homens marca o sitio onde existiu o monumento.
2: Monte de pedras que pertenceram ao túmulo; ao centro, terra revolvida no interior da câmara. — 4, 5 e 6: Idolos placas.

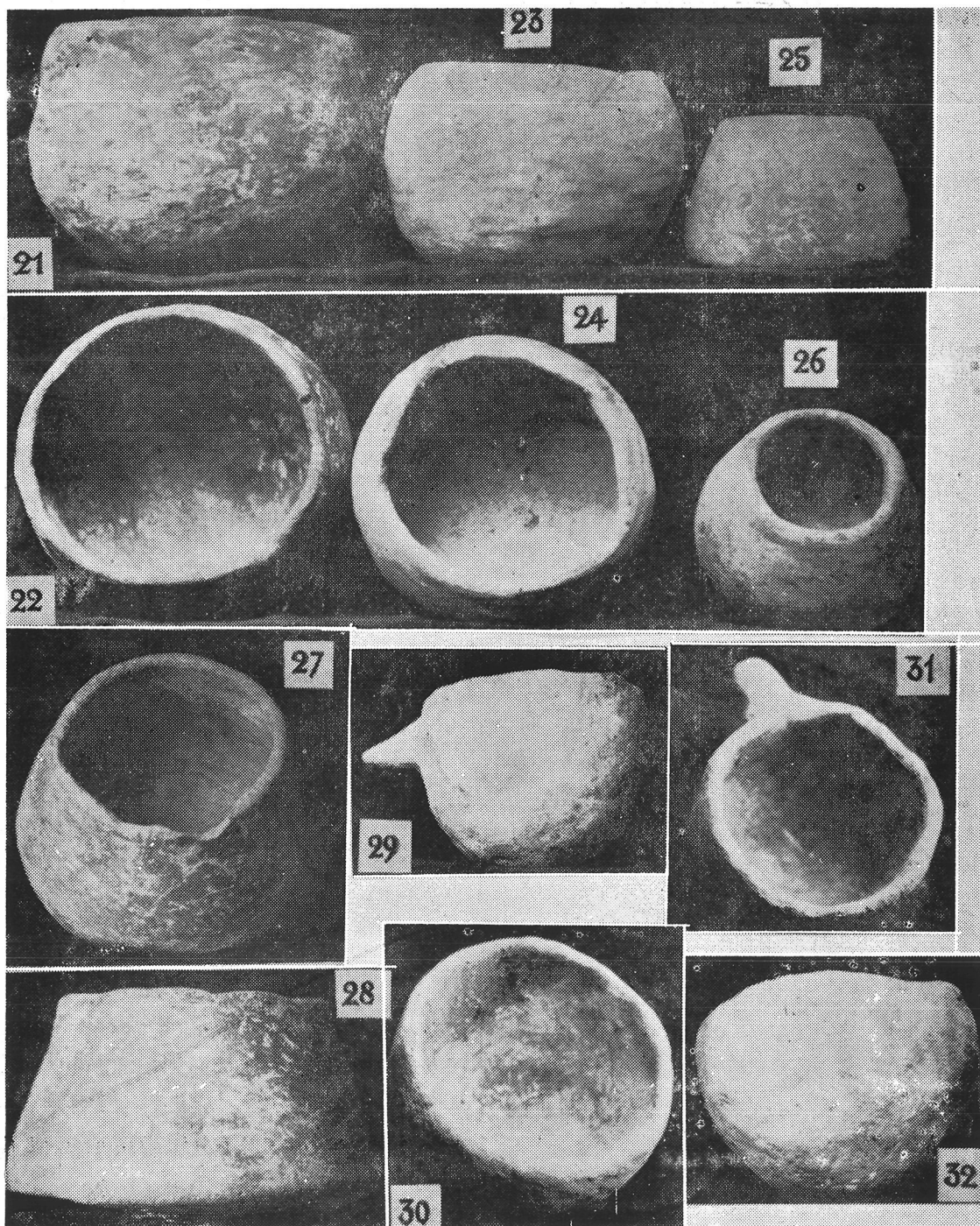


6: Corte na rocha branda, à qual se encostava a parede da câmara.—7: Cova resultante da escavação no interior da câmara.—8, 9, 10: Idolos placas.

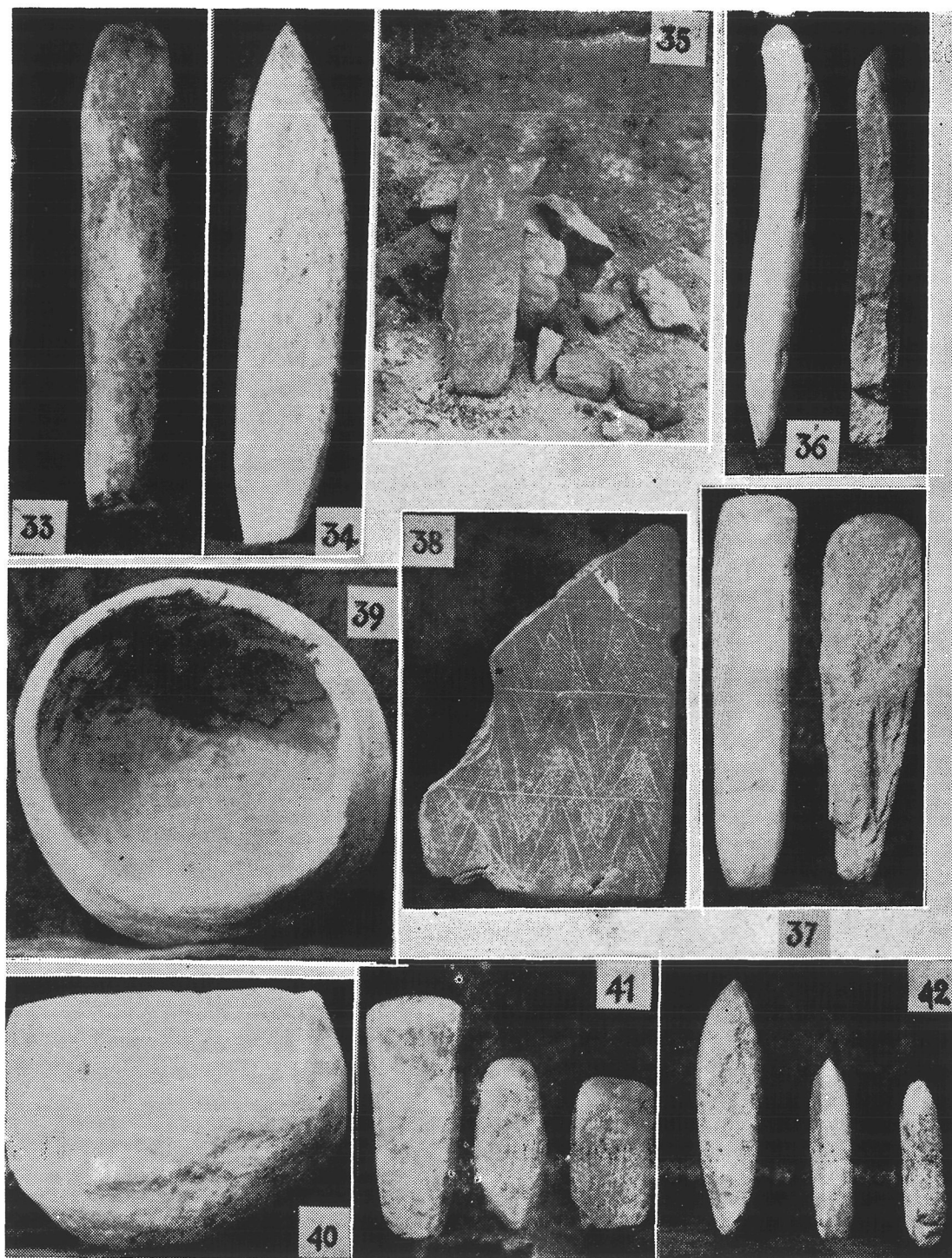


11: Ao centro, as terras revolvidas no interior da câmara. — 12: Restos de ossadas humanas.—14, 15 e 16: Idolos placas.

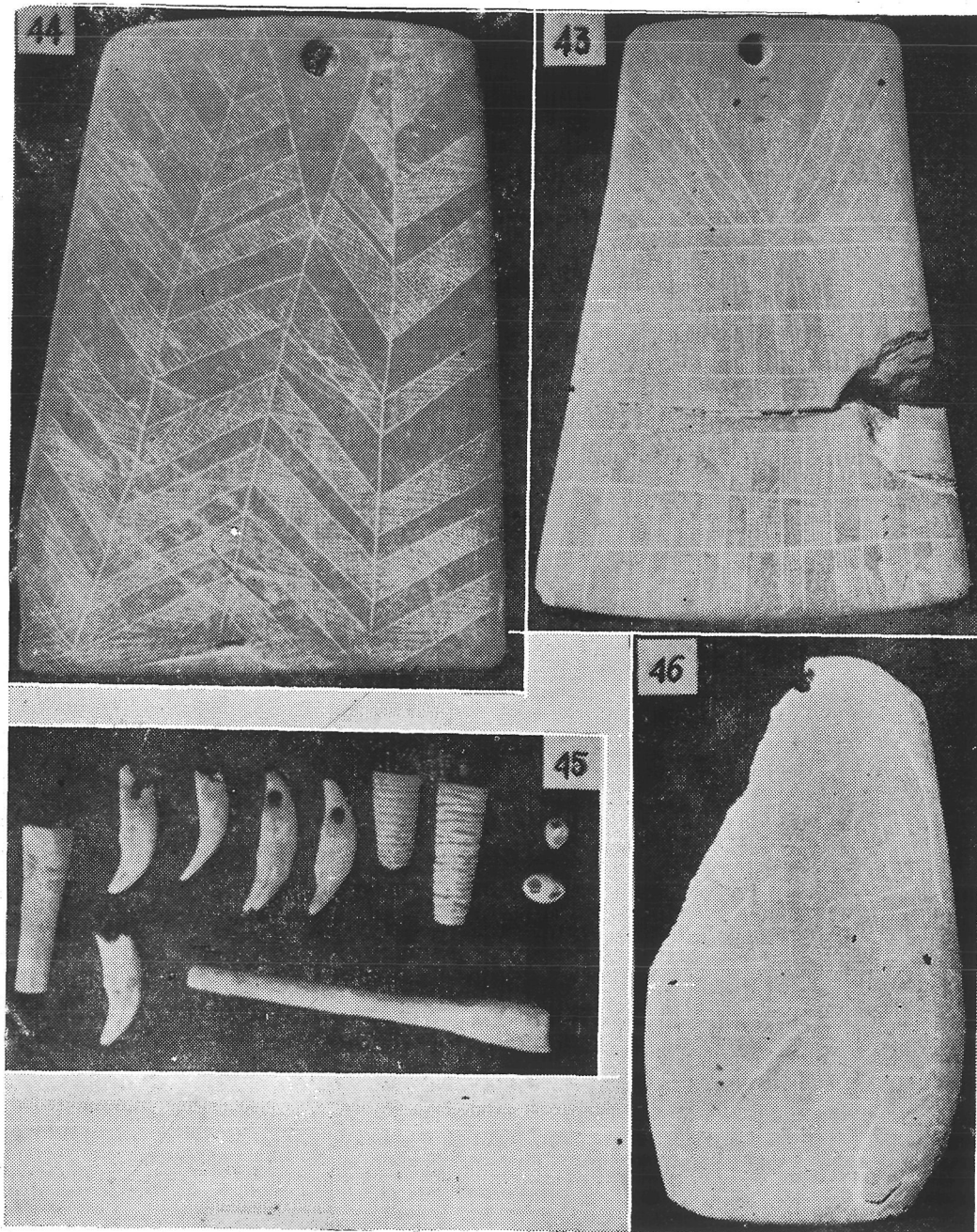




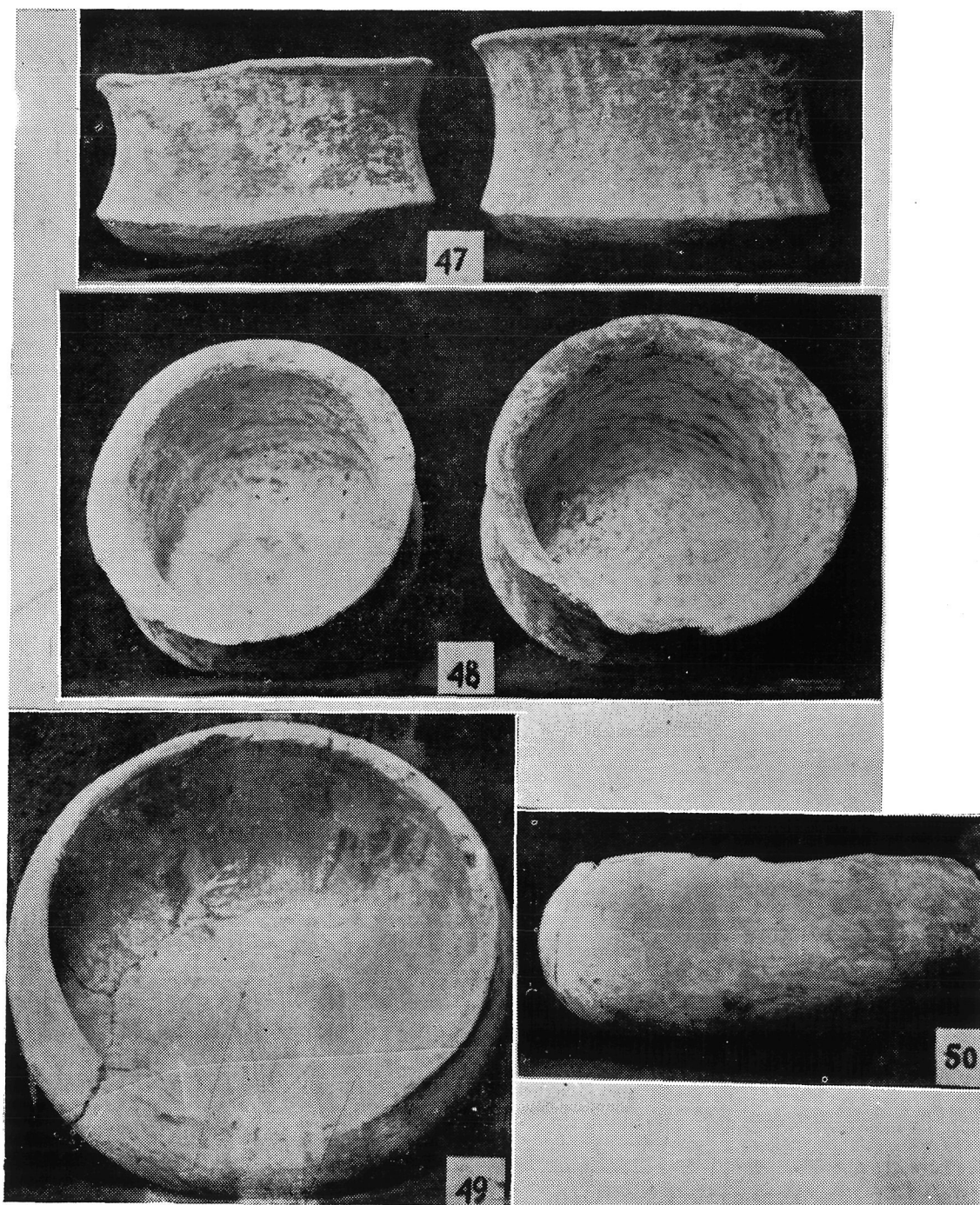
21 e 22; 23 e 24; 25 e 26; 27 e 28; 29 e 31; 30 e 32: Seis peças cerâmicas do monumento megalítico da Folha da Amendoeira.



33 e 34; 36 e 37; 41 e 42: Instrumentos de pedra pulida.—35: Um dos esteios mais altos do monumento tumular.—38: Idolo placa.—39, 40: Urna.



43, 44 e 46: Idolos placas.—45: Cabeças de alfieters de osso, buzios e dentes perfurados



47 a 50: Cerâmica da cista do tipo argárico, da Folha da Amendoeira.

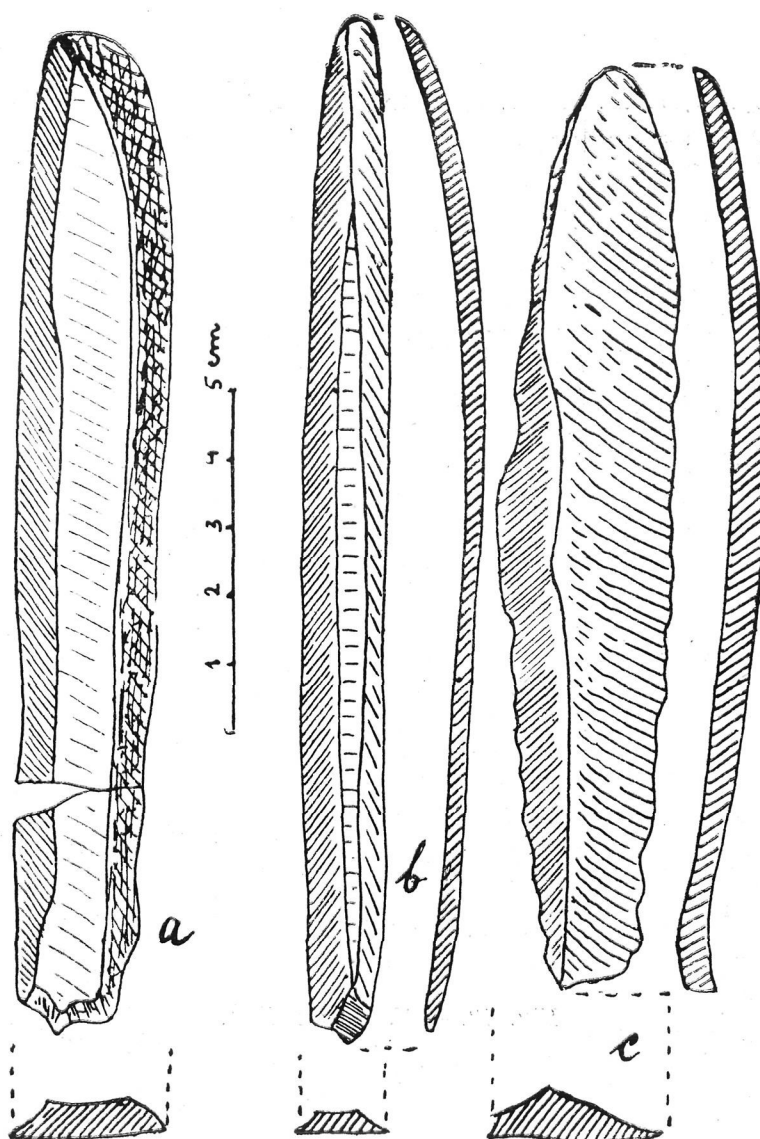


Fig. 12. — Facas de sílex.

Faca de sílex cinzento. Falta-lhe a extremidades superior. Comp., 0,124 m.; larg., 0,019 m.; espes., 0,005 m. (Fig. 14-c).

Faca de sílex castanho escuro. Falta-lhe a parte superior. Comp., 0,079 m.; larg., 0,012 m.; espes., 0,004 m. (Fig. 14-d).

Faca de sílex castanho claro, não retocada, excepto uns ligeiros toques na base, os quais rebaixaram a parte central do bolbo de percussão. Truncada na parte superior, por fractura antiga. Comp., 0,128 m.; larg., 0,018 m.; espes., 0,004 m. (Fig. 15-a).

Faca de sílex castanho escuro, retocada na base, pelo que desapareceu o bolbo. Falta-lhe a parte superior, por mutilação recente. Comp., 0,108 m.; larg., 0,017 m.; espes., 0,005 m. Fig. 15-b).

Faca de sílex (?) cinzento escuro. Falta-lhe a parte superior, por fractura antiga. Comp., 0,061 m.; larg., 0,014 m.; espes., 0,006 m. (Fig. 13-f).

Faca de sílex (?) cinzento escuro. Falta-lhe a parte superior. Comp., 0,078 m.; larg., 0,018 m.; espes., 0,007 m. (Fig. 13-e).

Faca de sílex castanho escuro. Falta-lhe a parte inferior, por fractura antiga. Comp., 0,104 m.; larg., 0,016 m.; espes., 0,005 m. (Fig. 13-c).

Faca de sílex (?) cinzento escuro. Falta a parte inferior, por fractura antiga. Comp., 0,070 m.; larg., 0,018 m.; espes., 0,003 m. (Fig. 13-d).

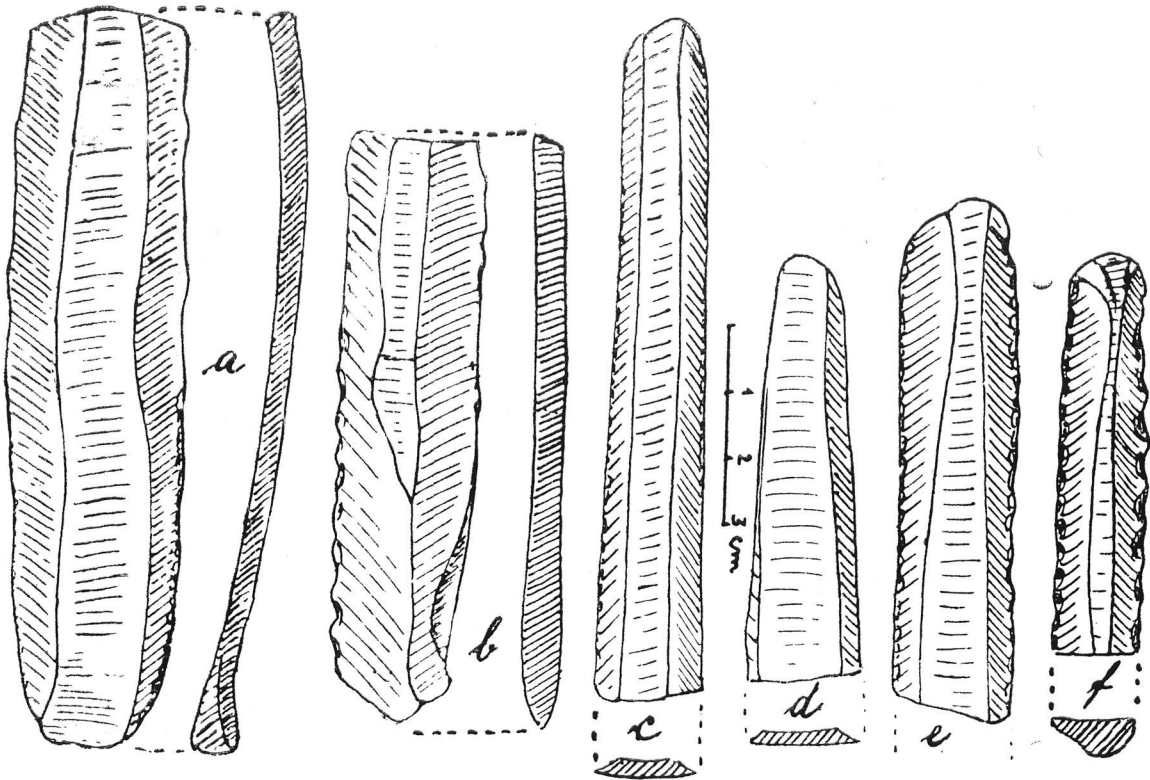


Fig. 13. — Facas de sílex.

Cerâmica.

Vasilha hemisférica, de barro vermelho com manchas negras devidas a acção do fogo. Alt., 0,100 m.; diâm. na boca, 0,102 m. a 0,108 m.; diâm. máx., 0,121 m. a 0,124 m. (Fig. 37; Lám. VI,39-40).

Vasilha do mesmo tipo da anterior. Alt., 0,080 m.; diâm. na boca, 0,096 m.; diâm. máx., 0,108 m. (Fig. 36; Lám. V,21-22).

Vasilha esferoidal, porém de fundo chato. Barro negro. Alt., 0,065 m.; diâm. máx., 0,097 m. (Fig. 37; Lám. V,23-24).

Pequenina urna esferoide, de barro vermelho e fabrico muito grosseiro. Tem a superfície coberta de concreção calcária cinzento amarelada. Alt., 0,050 m.; diâm. máx., 0,070 m. (Fig. 38; Lám. V,30-32).

Pequenina urna tronco-cónica, de barro vermelho. Superfície muito brunida. Alt., 0,047 m. a 0,049 m.; diâm. no fundo, 0,071 m.; diâm. na boca, 0,046 m. (Fig. 39; Lám. V,25-26).

Vasilha idêntica à anterior. Alt., 0,037 m.; diâm. no fundo, 0,065 m.; diâm. na boca, 0,046 m.; espes. no bordo, 0,004 m. (Fig. 40; Lám. V,27-28).

Pequenina urna de barro vermelho, com a superfície coberta de concreção calcária. Fundo semi-esférico. Tem uma pequenina asa maciça. Alt., 0,048 m.; diâm. na boca, 0,057. (Fig. 41; Lám. V,29-31).

Cinco fragmentos de uma urna do tipo da figurada em 36. (Fig. 42-a).

Dez fragmentos de uma vasilha, que não a completam. A fractura, porém, é antiga, parece que contemporânea da tumulação. Tinha a forma de calote esférica, muito baixa e de grande diâmetro. Ero do feitio indicado em 42-b'. (Fig. 42-b).

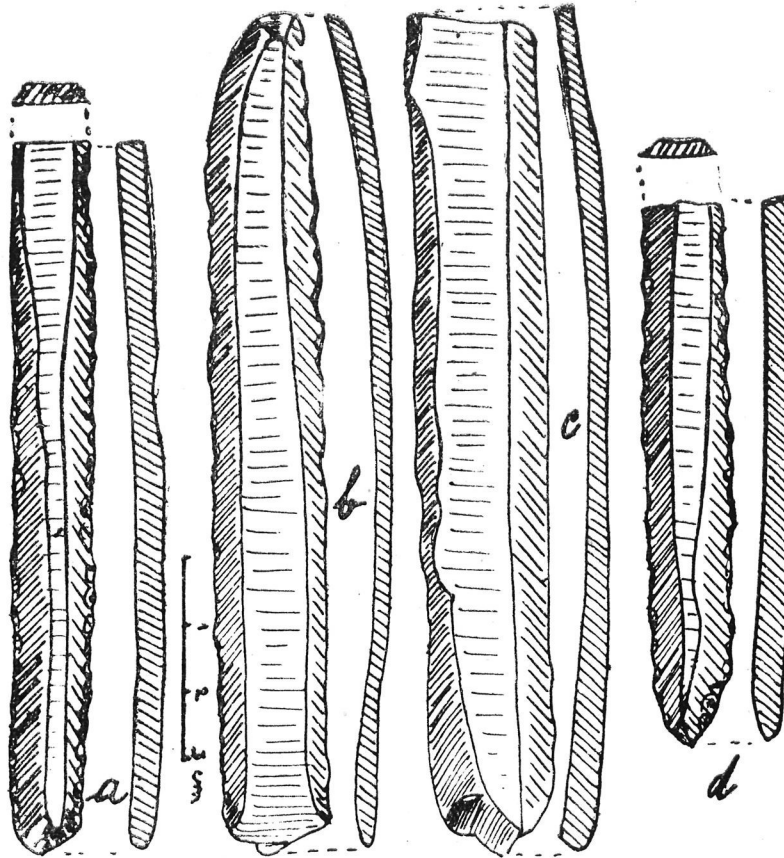


Fig. 14. — Facas de sílex.

Objectos de adorno.

Duas cabeças de alfinetes de osso, estriadas transversalmente. Estas cabeças são postiças. (Fig. 43-a-b).

Duas hastes de osso, talvez alfinetes inteiros, ou furadores. Achrom-se incompletos. (Fig. 43-c).

Cinco dentes de raposa, perfurados na raiz. Apenas dois se encontram completos. (Fig. 43-d).

Dois pequeninos búzios de *Cypraea* (vulgo "beijinhos"), perfurados a fim de servirem de contas de colar. (Fig. 43-e).

Pequeno dente de javali. (Fig. 43-f).

NOTA: Todos estes exemplares constam da Lãm. VII,45.

Ídolos-placas.

Da Fig. 16 a 35 representamos 14 placas de xisto, mais ou menos completas. São todas gravadas em uma só face, com excepção das figuradas em 18 e 25, que mostram na face posterior alguns riscos cuja interpretação não tentamos.

Do número 30 ao 35 são simples fragmentos de placas diversas. Um deles (Fig. 30) apresenta unicamente ligeiros traços em uma das faces, e o mesmo acontece com outro. (Fig. 29).

Nos exemplares inteiros que conservam porção suficiente da parte superior notam-se os furos de suspensão. Resumiremos, da maneira seguinte, outras particularidades:

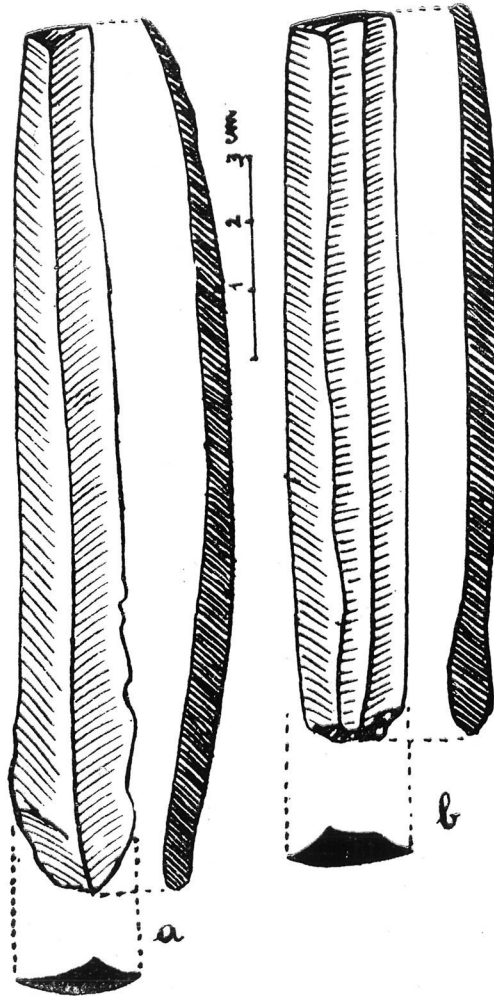


Fig. 15. — Facas de sílex.

Placas com furo de suspensão cónico: Figs. 18, 21, 23, 25, 26, 27 e 29.

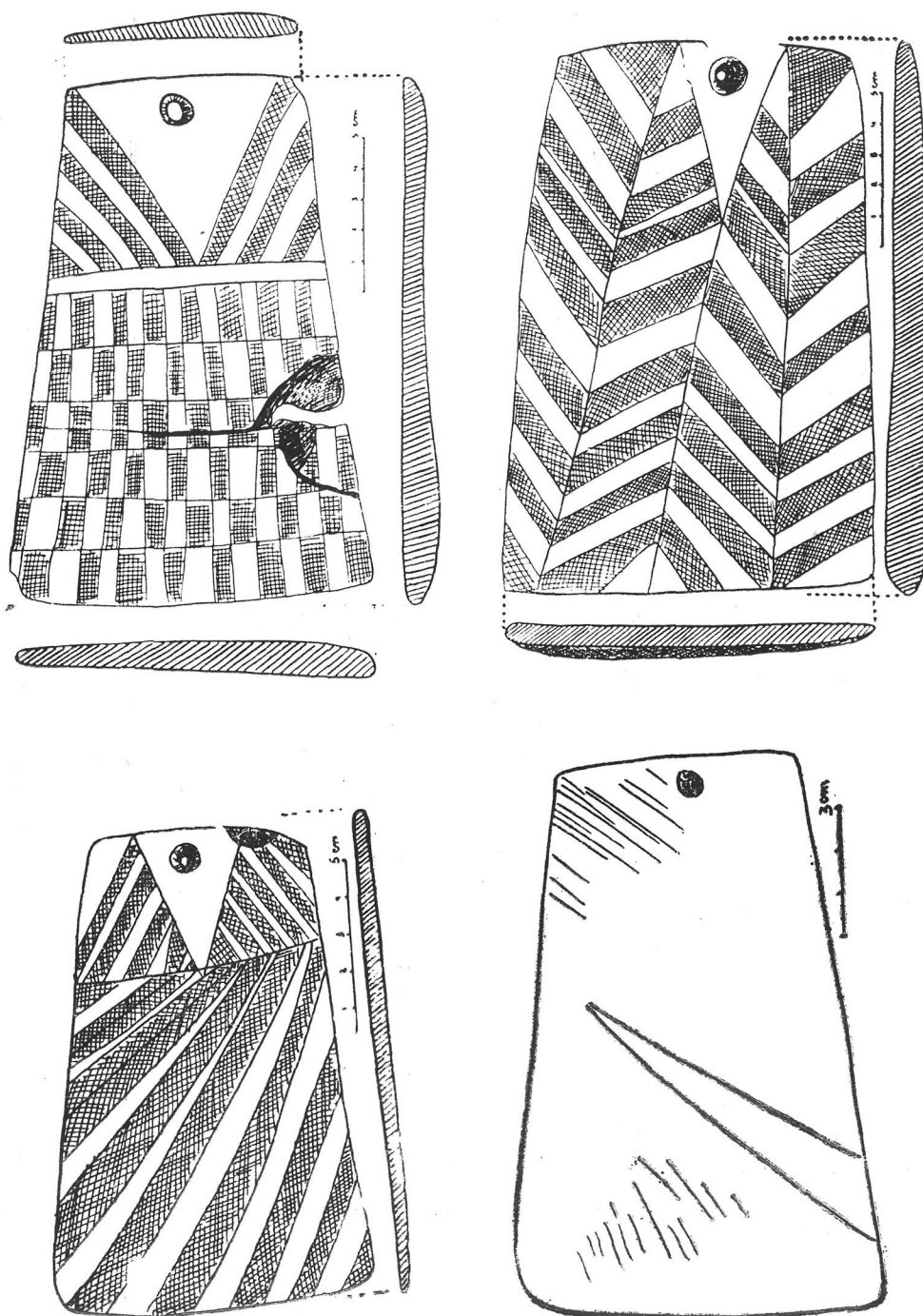
Com furo bicónico: Figs. 16, 17, 19, 20, 22 e 23.

Com fractura recente: Figs. 16, 19, 21, 23, 25, 26 e 31.

Com fractura antiga: Figs. 29, 31, 32, 33, 34 e 35.

Com a superfície muito alterada: Figs. 22, 23, 26 e 27. Nestes exemplares, a superfície da placa desagregou-se em finíssimas escamas, desgastando o gravado, ou mesmo fazendo-o desaparecer em grande extensão.

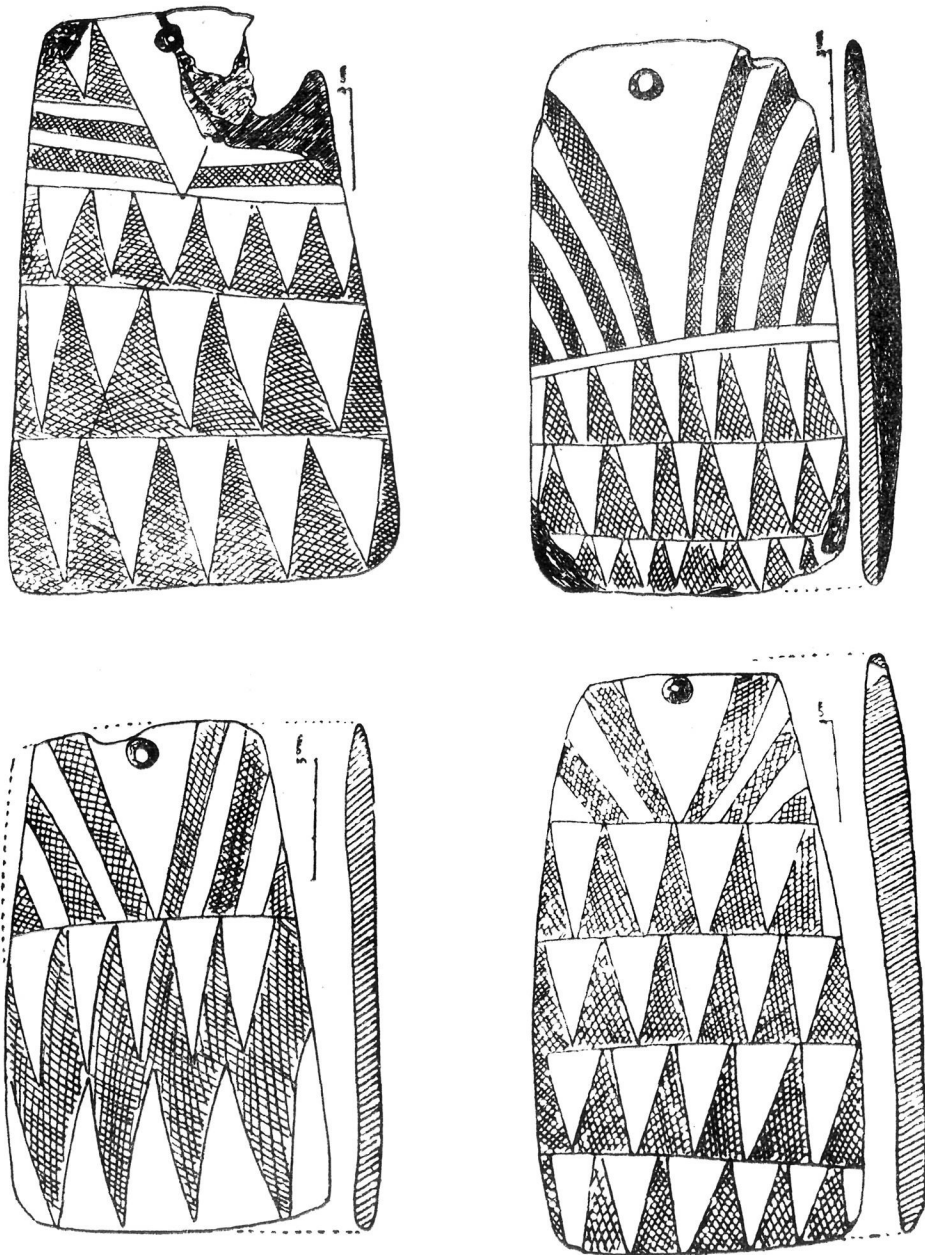
Notaremos, também, que as placas incompletas são todas de fractura antiga, isto é, foram já colocadas assim no sepulcro. As de fractura recente estariam inteiras, se os cavadores tivessem proce-



Figs. 16, 17 e 18 a-b.—Placas de xisto.

dido cautelosamente. É pena terem partido as representadas nas Figs. 29 e 30, porquanto as consideramos muito invulgares.

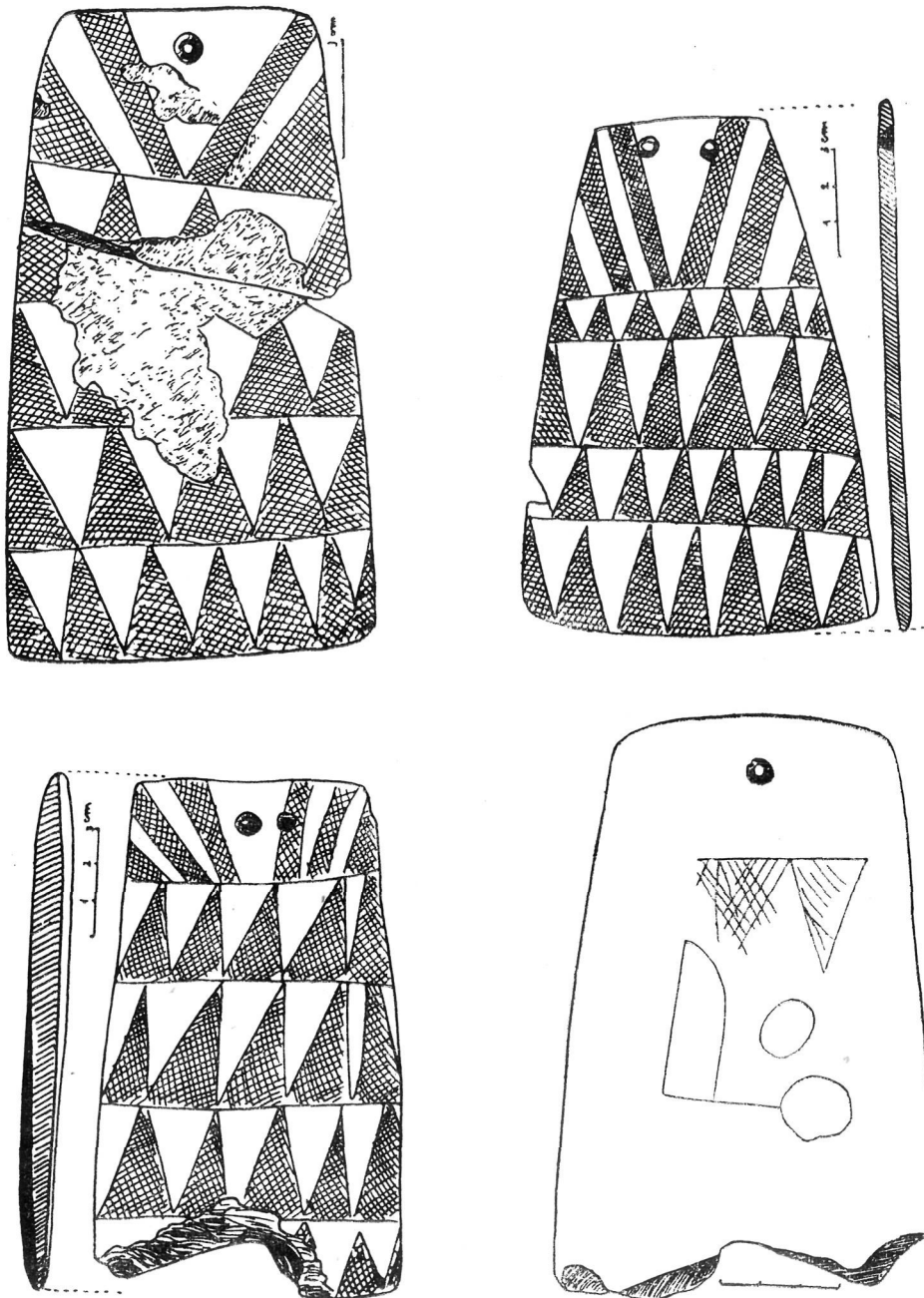
Os ornatos são feitos quase sempre a traço grosso e incerto. Só os da reproduzida nas Figs. 18 e 18-a são de traço extremamente fino.



Figs. 19, 20, 21 e 22. — Placas de xisto.

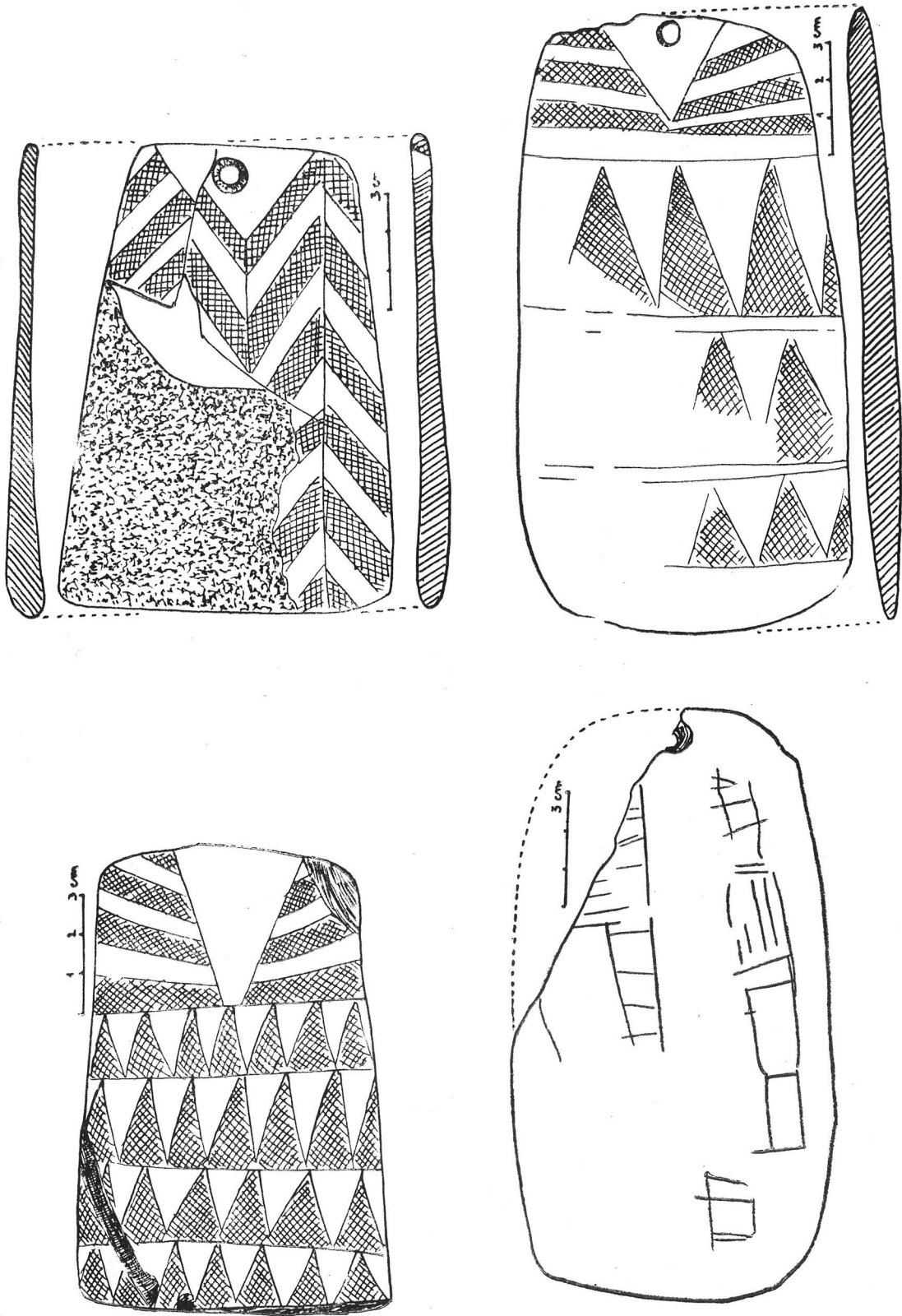
O fragmento apresentado na Fig. 33, nesse mesmo estado metido na tumulação, foi cuidadosamente cerceado aos lados, o que demonstra o apreço em que, pelos construtores megalíticos, eram tidos os simples fragmentos destes objectos. As placas são, no geral, de espessura grande e irregular.

A placa maior (Fig. 17) mede: Altura, 0,180; larg. máx., 0,121 m.; espes., 0,015 m.. A menor é aquela que não tem furo de suspensão (Fig. 28): Altura, 0,119 m.; larg. máx., 0,080 m.



Figs. 23, 24, 25 a-b. — Placas de xisto.

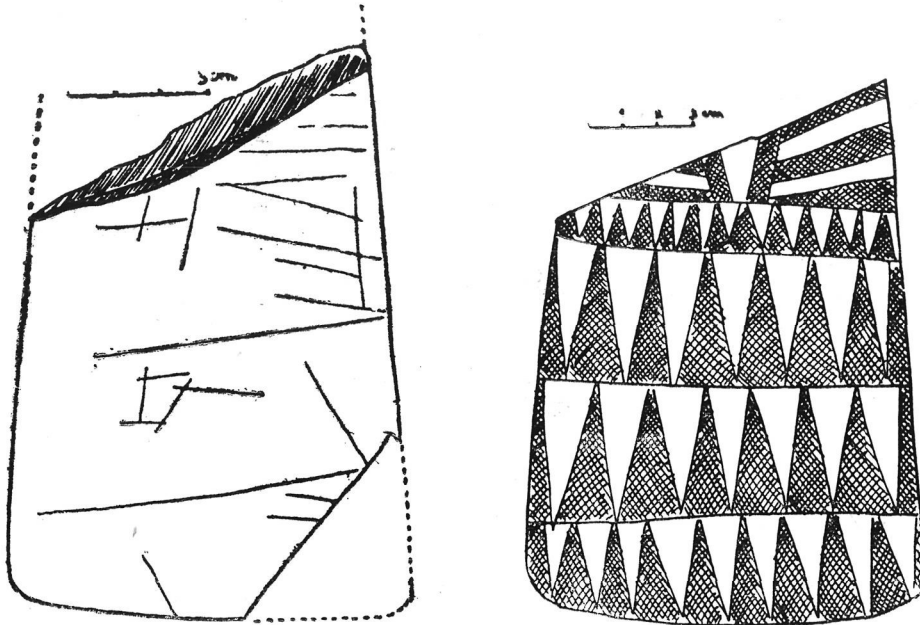
A falta de furo de suspensão não invalida a regra de que estes objectos se destinaram a estar suspensos em qualquer ponto inmóvel, uma vez que nestes orifícios não há vestígios de desgaste, como os verificados em certas contas de colar, berloques e outros artefactos líticos, em que o atrito resultante do movimento actuou de modo iniludível. Diz-nos, no entanto, que também podiam satisfazer ao fim a que se destinaram sem que a circunstância da suspensão fosse



Figs. 26, 27, 28, 29. — Placas de xisto.

imprescindível. O facto do exemplar aqui tratado ser o mais pequeno da série estudada nada significa, pois não faltam exemplares de dimensões muito menores providos de orifício.

Nos restantes exemplares que conservam a parte superior, há um só furo, exceptuando o da Fig. 24, que tem dois, e o da Fig. 25 no qual, à direita do orifício cónico que o trespassa, se iniciou outro que atingiu somente meia espessura da placa.

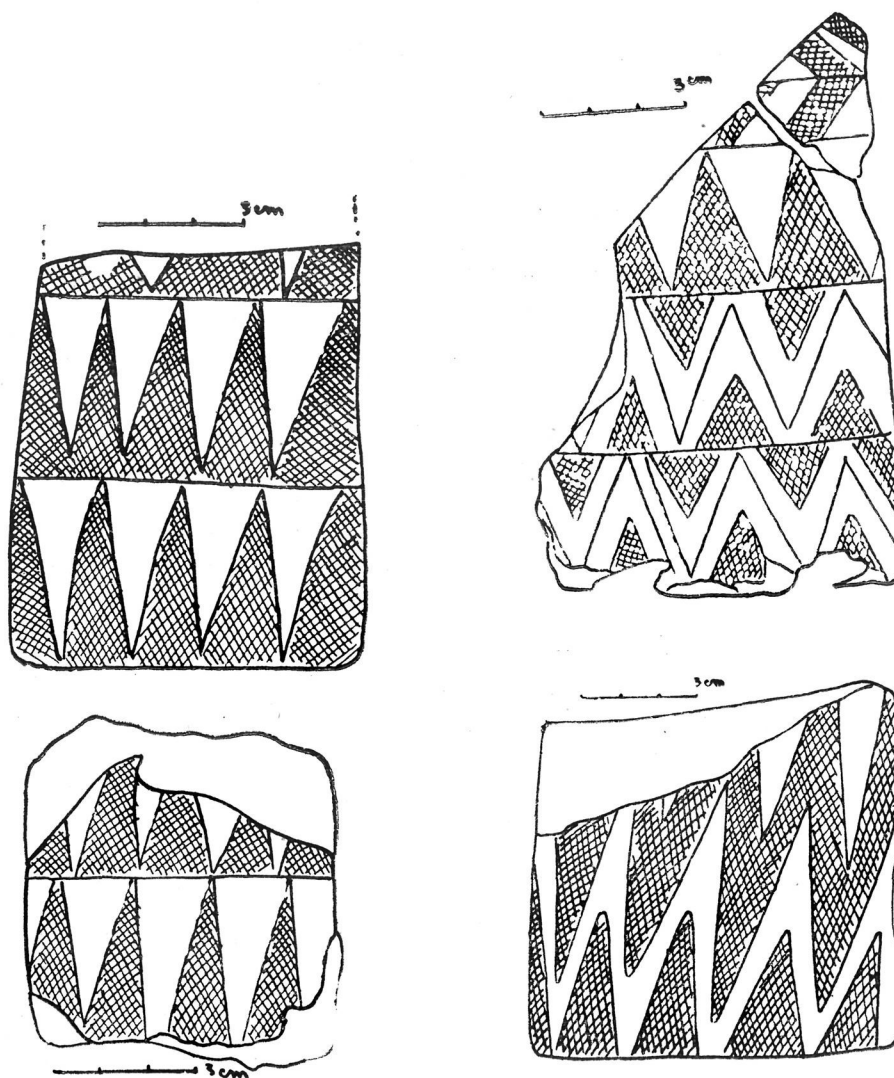


Figs. 30 e 31.—Placas de xisto.

Outras notas e conclusões.

Pelo que ouvimos e também pelo que ainda pudemos observar no terreno, os construtores deste monumento dolménico procederam da seguinte maneira. Principiaram por cavar na rocha branda do subsolo uma caixa ligeiramente ovalada, com 5,10 m. de diâmetro transverso por 5,60 m. de eixo longitudinal. Seguidamente, implantaram 11 esteios delgados (Lâm. VI, 35), com cerca de 1,30 m. de altura, alternando com 10 esteios bastante mais baixos (Figs. 1 e 2). O intervalo entre esta fiada de esteios e o corte do terreno foi preenchido com pedras cuidadosamente travadas a seco, formando o todo uma parede circular com 0,50 m. de espessura na base e estreitando um pouco para cima, com acentuada inclinação para dentro. A câmara dolménica media, por tanto, 4,10 m. \times 4,60 m. (eixos maior e menor, respectivamente).

A inclinação da parede acompanhava a inclinação do corte do

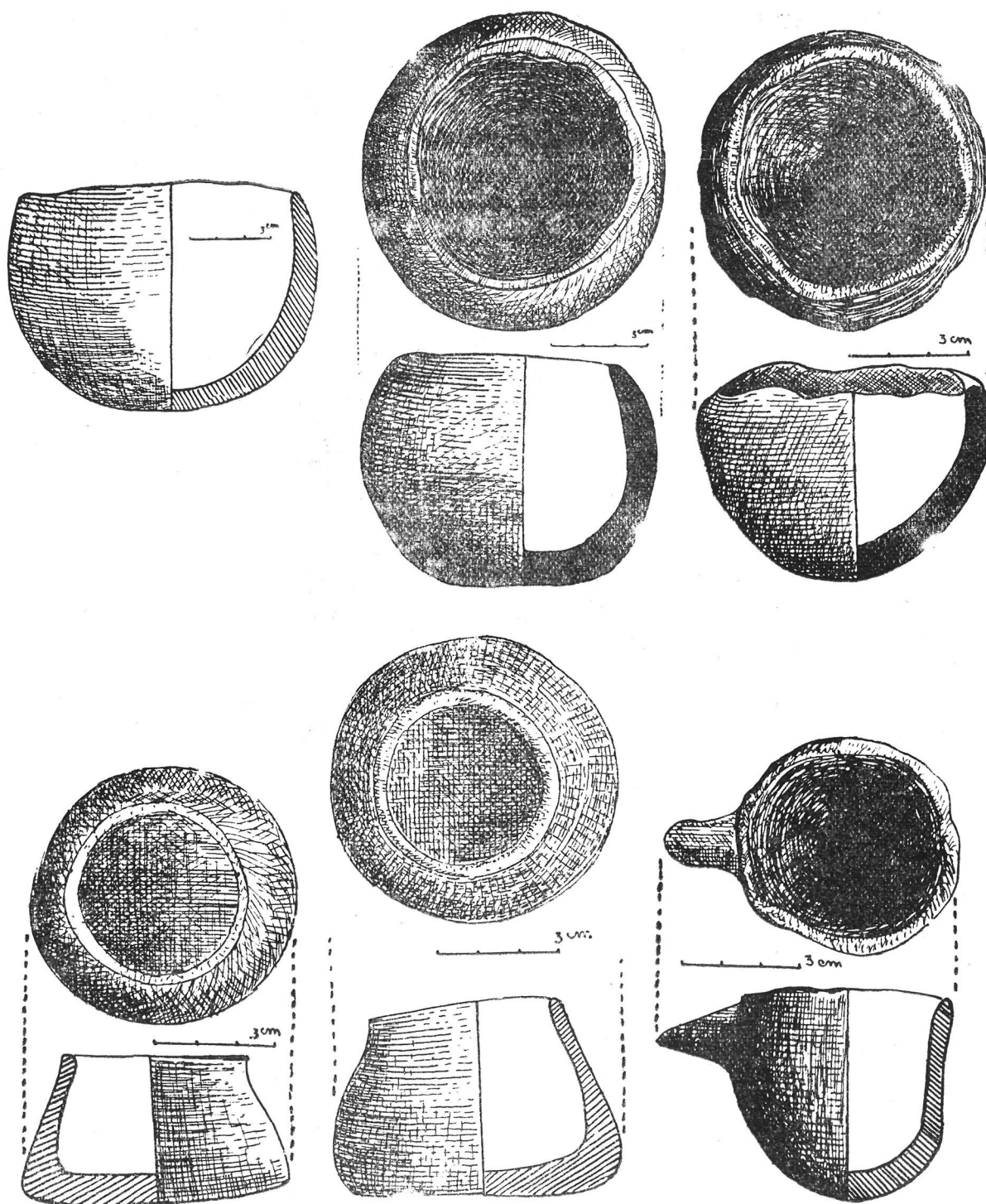


Figs. 32, 33, 34, 35. — Fragmentos de placas de xisto.

terreno, indiciando desde logo uma construção de falsa cúpula. Esta teria o centro tapado com uma laje de certo tamanho, se bem que não muito grande. Assim o crê o Sr. Joaquim Maria Camacho, por ter visto a laje, de envolta com pequenas pedras, também pertencentes à cobertura, caída no centro da câmara.

A parte superior do monumento achava-se, por conseguinte, completamente derruída, restando, como de começo ficou dito, a porção enterrada, desde um pouco abaixo da extremidade superior dos esteios mais altos, isto é, desde pouco mais de um metro a contar do fundo da câmara.

No interior desta jazia, conforme nos informaram, mais de uma centena de esqueletos humanos. O número não nos parece exagerado. Meses decorridos sobre a escavação, restava no local considerável



Figs. 36, 37, 38, 39, 40 e 41.—Vasilhas de barro.

monte de ossos, como se pode observar nas Lâms. II e III, números 7 e 12. Aproveitaram-se dois crânios completos, assim como alguns maxilares e outros ossos, os quais remetemos ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.

Pela parte de fora do monumento, da banda do Nascente, encontraram também cerca de uma dúzia de esqueletos, desacompanhados de espólio e sem sinais de construção tumular.

Na Fig. 1 indicamos o traçado provável do corredor orientado a Nordeste. Vai assinalado o ponto em que a charrua o cortou, dando origem aos primeiros achados. É para notar que a maioria dos 45 ídolos-placas até agora extraídos deste monumento, assim como do restante espólio, foi tirado desta pequena porção do corredor, onde

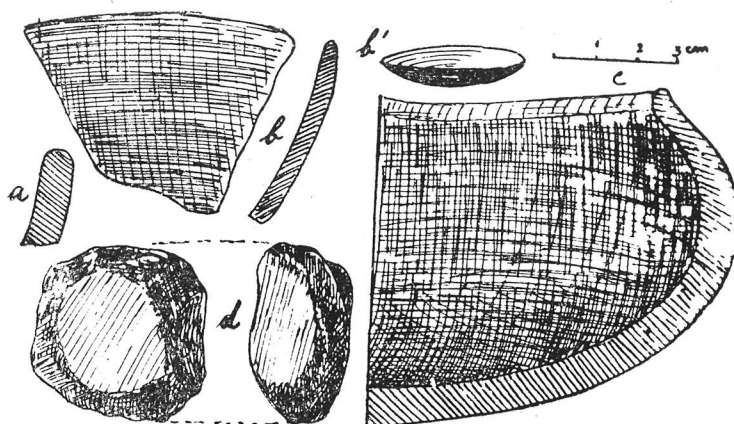


Fig. 42.—Fragmentos de vasilhas.

também havia muitas ossadas. A parte restante do corredor está por explorar, aguardando-se época própria, visto de momento achar-se o terreno com sementeira.

O exame do espólio sugere-nos as seguintes considerações.

Os instrumentos de pedra pulida são bastante toscos, apurados unicamente no gume. A base, faces e flancos apresentam as irregularidades do calhau ou lasca utilizada para o fabrico.

As facas de sílex, estreitas e compridas, constituem, em boa porção, belos exemplares. Pelos fragmentos se avalia que a grande maioria delas seria do mesmo teor. Raras mostram bordos retocados. Umhas quantas (Figs. 11 e 12), muito estreitas e relativamente espessas, vigorosamente denticuladas, devem ter servido para serrar, e não para cortar.

As sete vasilhas colhidas completas, ou quase, agora, sob a minha direcção, reconstituídas pelo empregado do Museu Regional de Beja, Eduardo Correia Arsénio, apresentam-nos tipos correntes em sepulcros almerienses.

Os objectos de adorno limitam-se aos quatro alfinetes de osso com cabeça estriada, idênticos, por exemplo, aos de Nora e Aljezur

(Algarve), Alcobaça, Cascais, Alapria, etc., aos cinco dentes e dois pequeninos búzios perfurados, e a mais dois prováveis alfinetes de osso. Isto está muito longe de corresponder ao elevado número de indivíduos tumulados.

Não surgiu uma única conta de colar. Do mesmo modo, faltam por completo as pontas de seta.

Abundância notável é a de ídolos-placas, entre as quais vemos,

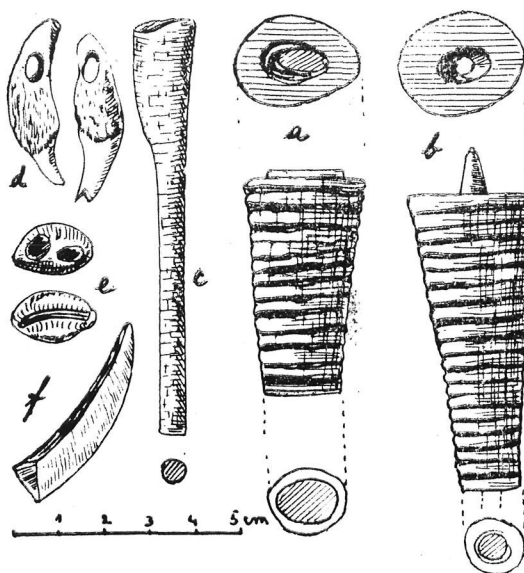


Fig. 43 — Objectos vários.

além do tipo de ornato mais corrente (faixas transversais de triângulos alternadamente lisos e reticulados), outros de composição menos vulgar, ainda que já conhecidos, tais como o da Fig. 16 (Anta do Cabeço, Castelo de Vide; Anta 7 da Herdade da Caeira, Pavia; Viana do Alentejo; Vale de Rodrigo, Évora; Alcarapinha e Anta 5 da Torre das Arcas, Elvas; Gruta da Galinha; Anta do Carvão, Elvas), o das Figs. 17 e 26 (Furninha; Casa da Moura; Poço Velho, Cascais; Vale de Rodrigo; Marcela, Algarve; Anta 7 da Caeira, Pavia; Monte Carvão e Genemigo, Elvas), e o das Figs. 21 e 35 (Gruta da Furninha, Quinta do Anjo; Anta 7 da Caeira; Grutas do Poço Velho, Cascais; dólmen de Vale de Rodrigo; Casa da Moura; Anta do Barrocal, Évora; Alcarapinha, Monte Carvão e Barbacena, Elvas; etc.).

O desenho das placas de Odívelas é acentuadamente rude, falho de simetria, com traços bastante incertos, quase sempre muito grossos, às vezes excessivamente finos.

Estas placas estavam carregadas de concreção calcária, do mesmo

depósito cinzento amarelado que cobre as paredes da cerâmica e que cobria também algumas das facas de sílex. Na cerâmica conseguimos adelgaçar esta camada, o suficiente para verificarmos que a superfície de todas elas é muito brunida. Das facas de sílex foi possível retirá-la com facilidade. Nas placas de xisto a extracção mostrou, conforme atrás se disse, que a superfície da rocha se alterou, e a tal

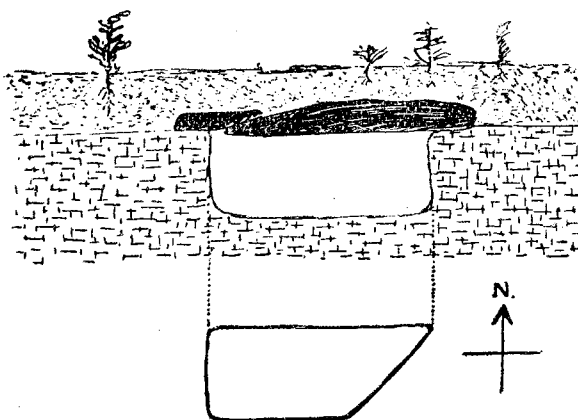


Fig. 44.—Cista de tipo argárico.

ponto foi corroída em alguns exemplares que o ornato ficou bastante apagado, ou desapareceu parcialmente (Figs. 23, 26 e 27).

Isto prova que o espólio esteve envolvido por considerável massa de matéria orgânica em decomposição, facto compreensível se tivermos presente que no pequeno âmbito do monumento tumular estiveram sepultados mais de cem indivíduos.

Notamos, também, que alguns dos vasos e dos ídolos-placas, assim como grande parte das facas de sílex haviam sido colocados no túmulo já fracturados e incompletos.

No monte dos ossos que os cavadores arrumaram ao lado da escavação colhemos alguns blocos de hematite vermelha; entre as pedras extraídas do monumento achamos outro, com o peso de muitos quilos. Não pudemos averiguar, de certeza, se este enorme calhau estava no interior da câmara ou se era elemento constitutivo da parede.

Fosse como fosse, o corante veio para ali de longe, pois o local do sepulcro fica em plena mancha pliocénica.

Considerando a arquitectura do monumento tumular de Odivelas e o espólio nele contido, julgamos podê-lo atribuir ao apogeu do Bronze Mediterrânico, em sua primeira idade (ou Eneolítico pleno, na antiga terminologia). Este monumento aparece como ponto de ligação entre estações algarvias e outras da mesma cultura na zona da foz do Tejo.

En outro ponto da Folha da Amendoeira, cerca de 300 metros a norte do monumento megalítico, explorou o Sr. Joaquim Maria Camacho uma cista de tipo argárico, da qual damos um esboço na Fig. 44.

A sepultura era constituída por uma caixa aberta na rocha branda do sub-solo e desprovida de revestimento de lajes. De planta trapezoidal rectangular, continha o esqueleto em tan posição que as pernas se alojavam, flectidas, na direcção do ângulo agudo da sepultura. Cobriam-na duas lajes de xisto, uma muito grande e outra pequena, sobrepondo-se uma extremidade desta a um dos topos da outra.

Com o esqueleto jaziam as três vasilhas representadas na Fig. 42-c e na Lâm. VIII, 47 a 50.

A herdade do Monte do Outeiro é cortada por uma estrada romana que de *Pax Iulia* (Beja) se dirigia a *Salacia* (Alcácer do Sal). Um troço, razoavelmente conservado, e visível algumas dezenas de metros a norte do monumento dolménico da Folha da Amendoeira. Contíguo a este lanço de estrada está uma pequena elevação coberta de vestígios de alicerces. Nestas ruínas têm o Sr. Joaquim Camacho colhido várias moedas romanas, entre as quais vimos dois grandes bronzes, um de Augusto, outro de Trajano; três médios bronzes, de Cláudio I, Constâncio e Teodósio; e um pequeno bronze de Constantino.

Estácio da Veiga, a págs. 456 do IIº vol. das *Antiquidades Monumentaes do Algarve* (Lisboa, 1887), menciona o achado de alguns ídolos-placas junto à ponte da ribeira de Odívelas, ignorando, no entanto, as condições de jazida.

A referida ponte dista da Folha de Amendoeira cerca de um quilómetro para nor-noroeste. A zona parece, pois, arqueologicamente rica, embora não tenha sido ainda objecto de metódicas pesquisas.